

histórias de vigaristas
e canalhas
george r. r. martin e gardner dozois



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ÍNDICE

Está Difícil Para Todos • 9
Joe Abercrombie

Heavy Metal • 51
Cherie Priest

Loucos Anos Vinte • 81
Carrie Vaughn

Cara de Metal • 115
Bradley Denton

Diamantes de Tequila • 181
Walter Jon Williams

Um Carregamento de Marfins • 239
Garth Nix

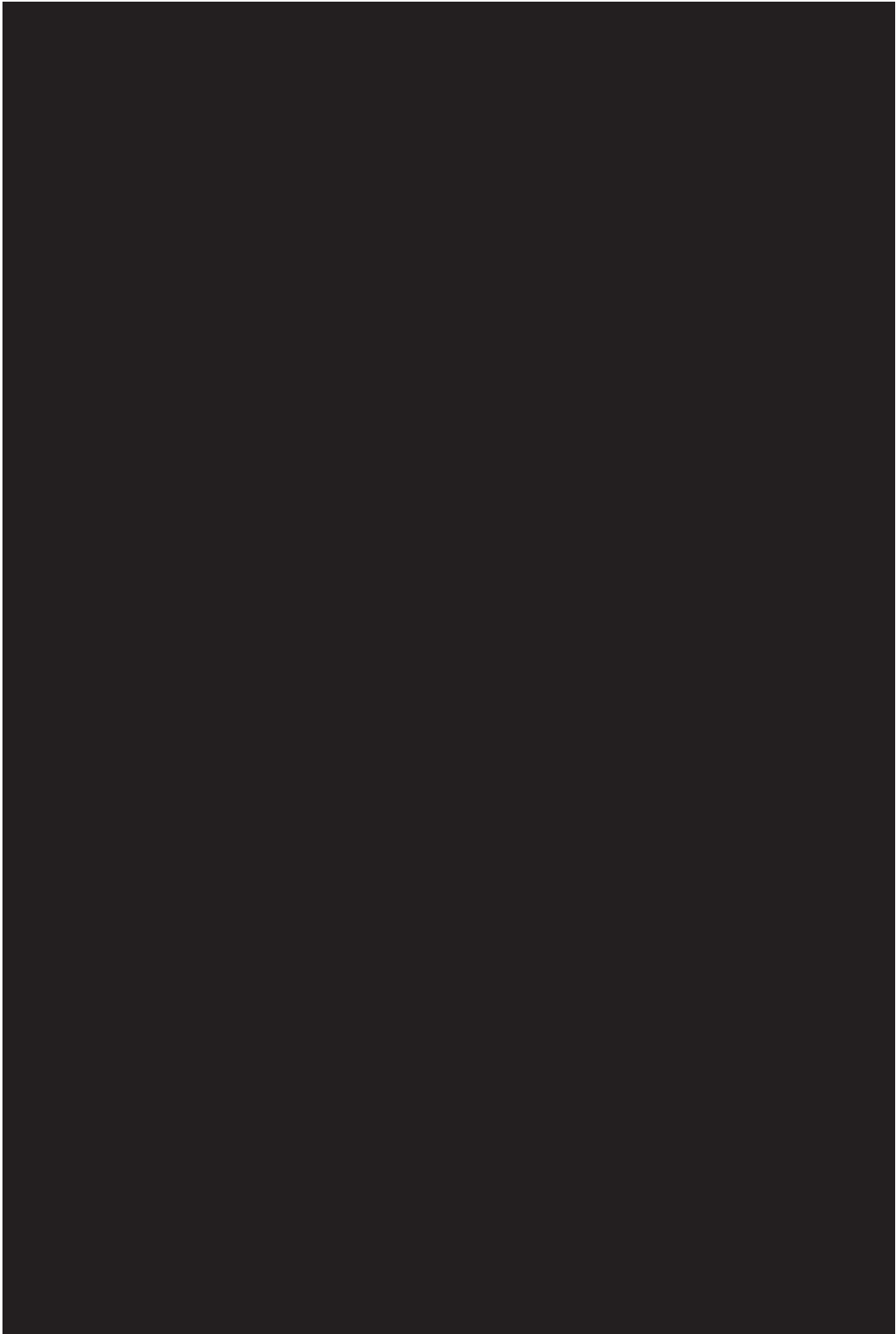
A Estalagem das Sete Dádivas • 269
Matthew Hughes

Invisíveis em Tiro • 307
Steven Saylor

Tawny Petticoats • 341
Michael Swanwick

O Curioso Caso das Esposas Mortas • 377
Lisa Tuttle

O Significado do Amor • 427
Daniel Abraham



ESTÁ DIFÍCIL PARA TODOS

JOE ABERCROMBIE

Tradução de Alexandre Mandarino

Joe Abercrombie é, hoje em dia, uma das estrelas da fantasia em mais rápida ascensão, aclamado tanto por leitores como por críticos pela sua abordagem dura, livre e absurda ao género. Será provavelmente mais conhecido pela sua trilogia *First Law*, cujo primeiro romance, *A Lâmina*, foi publicado em 2006; seguiu-se *A Força* e *A Coroa*. Também escreveu os romances de fantasia independentes *Best Served Cold* e *The Heroes*. O seu mais recente trabalho é *Red Country*. Além da escrita, Abercrombie é também editor de filmes *freelance*. Vive e trabalha em Londres.

No *thriller* intenso que se segue, leva-nos às profundezas, sujas, fétidas, melodiosas e labirínticas de Sipani, uma das cidades mais perigosas do mundo, para um mortífero jogo do botão.

ESTÁ DIFÍCIL PARA TODOS

Que diabo, como ela odiava Sipani. As malditas névoas que a cegavam, as malditas poças e o maldito cheiro nauseabundo a podridão que se espalhava por toda a parte. As malditas festas e bailes de máscaras e bacanais. Diversão, todos se divertiam a valer, ou pelo menos fingiam que sim. Mas o pior de tudo eram as malditas pessoas. Não havia um homem, mulher ou criança que não fosse um patife; um bando de idiotas e mentirosos.

Carcolf odiava Sipani, mas lá estava ela outra vez. Quem era o verdadeiro idiota?, pensou, a contragosto.

Deslizou para as sombras de uma entrada ao ouvir risos exagerados vindos da névoa logo à frente, tocando ao de leve no punho da espada. Um bom mensageiro não confia em ninguém, e Carcolf era a melhor no seu ofício, mas em Sipani ela confiava... em menos do que ninguém.

Outro bando de foliões cambaleou, vindo do nevoeiro: um homem com uma máscara em forma de lua apontava para uma mulher que, de tão bêbada, tropeçava repetidamente nos próprios sapatos de salto alto. Todos riam, e um deles balançava as mangas de renda como se não houvesse nada mais divertido do que beber até cair. Carcolf voltou os olhos para cima, consolando-se com a ideia de que, por trás das máscaras, estavam a odiar aquilo tanto quanto ela odiava quando tentava divertir-se.

Na solidão da entrada, fez uma careta. Que diabos, estava a precisar de umas férias. Estava a tornar-se uma rezingona amarga, ou melhor, já se tornara uma e estava cada vez pior: uma dessas pessoas que desprezam o mundo inteiro. Estaria a ficar igual ao seu maldito pai?

— Tudo menos isso — sussurrou.

Quando os foliões cambalearam noite adentro, saiu sorrateiramente da entrada e seguiu o seu caminho, nem muito rápido nem muito devagar, as botas a passar em silêncio sobre os paralelepípedos orvalhados, o capuz, absolutamente comum, puxado até a um ângulo discreto: a imagem de alguém que não esconde mais segredos do que o normal — o que, em Sipani, já é muito.

Algures a oeste, a sua carruagem blindada percorria estradas largas, com as rodas a soltar faíscas enquanto cantavam sobre as pontes, peões estarecidos a saltar para fora do caminho, o cocheiro a chicotear os lombos de cavalos que espumavam pela boca, acompanhado por uma dúzia de mercenários cujas armaduras orvalhadas reluziam sob a luz dos postes. Isso, é claro, se os capangas do Mineiro não tivessem já atacado: o esvoaçar das flechas, os gritos de homens e animais, o baque da carruagem ao sair da estrada, as pancadas no metal e, finalmente, a explosão de dinamite para remover o grande cadeado do cofre; mãos ansiosas a dissipar o fumo, e a tampa a ser aberta para revelar... nada.

Carcolf permitiu-se um pequeno sorriso, apalpando o volume contra as costelas: o item, costurado com segurança no forro do seu casaco.

Preparou-se, deu um par de passos e saltou da margem do canal, vencendo a distância de três passos até ao convés de uma barca decadente, fazendo as tábuas rangerem sob si ao aterrar com uma cambalhota, e então pondo-se hábil e rapidamente de pé. O caminho até à ponte Fintine era uma bela volta, além de ser muito usado e vigiado; mas esse barco estava sempre ali amarrado, nas sombras, oferecendo-lhe um atalho. Informara-se de antemão. Carcolf procurava não deixar nada nas mãos da sorte; sabia, por experiência própria, que a sorte podia ser uma vadia desgraçada.

Um rosto enrugado espiou de dentro da penumbra da cabina enquanto escapava vapor de uma velha chaleira.

— Quem raio és tu?

— Ninguém — saudou-o Carcolf, alegremente. — Estou só de passagem!

Pulou da madeira balouçante para as pedras do outro lado do canal e prosseguiu por entre a névoa a cheirar a mofo. Só de passagem. Iria diretamente até às docas para apanhar o barco e seguir o seu caminho, feliz. Ou, pelo menos, algo irritante. Onde quer que fosse, Carcolf não era ninguém. Em toda a parte, estava apenas de passagem.

No leste, aquele idiota do Pombrine e quatro empregados deviam estar a cavalgar a todo o gás. Ele não se parecia nem um pouco com ela, com aquele bigode e tudo mais, mas envolto no casaco bordado e extravagante que lhe emprestara, funcionava bem como duplo. Era um chulo sem um tostão furado no bolso que acreditava, orgulhoso, que estava a personificá-la para que pudesse visitar a amante, uma dama rica que não queria que os seus encontros viessem a público. Carcolf suspirou. Quem dera que fosse verdade. Consolava-se imaginando o choque de Pombrine quando aqueles filhos da mãe, Fundo e Raso, o alvejassem e derrubassem da sela, ficassem pasmos ao verem o bigode e então vasculhassem as suas roupas com frustração crescente até finalmente e, sem pestanejar, estriparem o seu cadáver, tudo isso apenas para encontrar... nada.

Carcolf apalpou o volume outra vez e seguiu em frente, saltitando. Lá ia ela, a pé e sozinha, pelo caminho mais seguro possível, uma rota cuidadosamente preparada de ruelas, caminhos estreitos, atalhos não vigiados e escadarias esquecidas, através de palácios a cair aos pedaços e prédios apodrecidos, portões deixados furtivamente abertos e, mais tarde, um curto trajeto pelos esgotos que a levaria diretamente às docas com uma ou duas horas de folga.

Depois deste trabalho, precisava mesmo de tirar umas férias. Passou a língua pela parte interna dos lábios, onde uma úlcera pequena, mas muito dolorida havia aparecido há poucos dias. Ela passava a vida a trabalhar. Talvez uma viagem até Adua, para visitar o seu irmão e ver as sobrinhas? Com quantos anos estariam? *Ugh*. Não. Lembrou-se de como a cunhada era uma cabra intolerante, daquelas que encaram tudo com um olhar de desprezo. Fazia Carcolf lembrar-se do pai, o que provavelmente explicava por que razão o irmão se casara com aquela maldita...

Havia música vinda de algum lugar, quando mergulhou sob um arco que flanqueava o caminho. Era um violinista que, ou estava a aquecer, ou tocava de maneira execrável. Nenhuma das possibilidades a surpreenderia. Papéis ondulavam e farfalhavam numa parede cheia de musgo,

cartazes que exultavam a fiel população a erguer-se contra a tirania da Serpente de Talins. Carcolf riu-se com desdém. A maior parte dos cidadãos de Sipani estava mais interessada em cair do que em erguer-se, e os outros eram tudo menos fiéis.

Retorceu-se de modo a ajeitar a parte de trás das calças, mas não adiantou de nada. Quanto teria alguém de pagar por roupas novas para conseguir evitar que a costura abrisse no pior lugar possível? Saltou para um caminho estreito, ao lado de uma parte estagnada do canal que não era usada há muito tempo, pegajoso e cheio de algas e lixo flutuante, repuxando em vão o tecido irritante de um lado para outro. Maldita moda de calças justas! Talvez aquilo fosse algum tipo de punição cósmica por ter pagado ao alfaiate com moedas falsas. Mas Carcolf identificava-se muito mais com o conceito de lucro fácil do que com o de punição cósmica e, portanto, sempre que possível evitava pagar por qualquer coisa. Era quase um princípio para ela, e o seu pai sempre dissera que devemos ser fiéis aos nossos princípios...

Que raio, realmente estava a ficar igual a ele.

— Ahá!

Uma figura em farrapos saltou de baixo de um arco, mostrando um leve brilho de metal. Com uma lamúria instintiva, Carcolf tropeçou para trás, abriu o casaco de forma desajeitada e sacou da própria espada, certa de que a morte a havia finalmente encontrado. O Mineiro estava um passo à frente? Ou seriam Fundo e Raso, ou os capangas de Kurrikan... Mas ninguém mais apareceu. Apenas aquele homem, envolto por uma capa manchada, o cabelo desgrenhado colado à pele pálida por causa da humidade, um cachecol cheio de mofo a esconder-lhe a parte de baixo do rosto, os olhos raiados de sangue, arregalados e assustados.

— Mãos ao ar! — rugiu ele, um pouco abafado pelo cachecol.

Carcolf ergueu as sobrancelhas.

— Quem raio diz esse tipo de coisa?

Uma pequena pausa, enquanto as águas putrefactas lambiam as pedras logo ao lado.

— És uma mulher? — Notava-se um tom quase arrependido na voz daquele projeto de assaltante.

— Se eu for, não me roubas?

— Bem... hum... — O ladrão pareceu encolher-se um pouco e então recompôs-se. — Seja como for, mãos ao ar!

— Porquê? — perguntou Carcolf.

A ponta da espada do bandido vagueava sem rumo.

— Porque eu tenho uma dívida considerável com... Não te interessa!

— Não, o que quero dizer é, por que não matares-me e tirares-me os objetos de valor do meu cadáver, em vez de me avisares?

Outra pausa.

— Acho que... quero evitar a violência? Mas fica a saber que estou totalmente preparado para ela!

O tipo era um maldito cidadão comum. Um ladrão de meia-tigela que a escolheu como alvo por engano. Um confronto aleatório. Isso é que é a sorte a agir como uma vadia desgraçada! Para ele, pelo menos.

— O senhor — declarou — é um bandido de merda.

— Eu, minha senhora, sou um cavalheiro.

— O senhor é um cavalheiro morto.

Carcolf deu um passo em frente, empunhando a espada, o equivalente a uma passada de aço afiado que fora buscar o brilho cruel de uma lâmpada a uma das janelas acima. Nunca tinha tempo para praticar, mas mesmo assim as suas habilidades com a lâmina não eram nada más. Seria preciso bem mais do que aquele traste para batê-la.

— Vou entalhar-te como...

O homem avançou com uma rapidez surpreendente, os metais colidiram e, antes que Carcolf conseguisse sequer pensar em mexer-se, a espada já lhe havia escapado dos dedos e deslizado pelos paralelepípedos sebosos até cair no canal.

— Ah — disse ela.

Aquilo mudava tudo. Tornara-se evidente que o assaltante não era tão fraco como parecia, pelo menos como espadachim. Devia ter desconfiado; em Sipani, nada é o que parece.

— Passa para cá o dinheiro — ordenou ele.

— Com todo o gosto.

Carcolf sacou da bolsa e atirou-a contra a parede, na esperança de se escapular enquanto ele não estivesse a olhar. No entanto, o homem agarrou a bolsa no ar com uma impressionante destreza, movendo a ponta da espada rapidamente para lhe evitar a fuga, e então tocou ao de leve no volume no casaco dela.

— O que temos... aqui?

De mal a muito, muito pior.

— Nada, nada de mais.

Carcolf tentou fingir uma risadinha, mas a oportunidade já se fora — e a de embarcar no maldito barco para Thond, ainda atracado nas docas, não demoraria também a ir-se. Desviou a ponta cintilante com um dedo.

— Eu tenho um compromisso urgente, percebes, por isso...

A espada abriu-lhe o casaco com um leve sibilar.

Carcolf pestanejou.

— Ai.

Sentiu uma dor lancinante nas costelas. A lâmina também a tinha cortado.

— Ai!

Caiu de joelhos, muito aflita, com o sangue a escapar-lhe por entre os dedos enquanto os pressionava contra o corpo.

— Ah... essa agora. Desculpa. Eu não queria... não queria mesmo cortar-te. Só queria, sabes...

— Ai.

O artigo, agora levemente embebido com o sangue de Carcolf, caiu do bolso rasgado e deslizou pelo pavimento. Um pacote fino com cerca de trinta centímetros de comprimento, embalado em couro manchado.

— Preciso de um médico — arfou ela, no seu melhor tom de sou-uma-pobre-mulher-indefesa. A grã-duquesa sempre a acusara de ser excessivamente dramática, mas se não pudesse fazer drama numa situação daquelas, quando poderia? Era provável que realmente estivesse a precisar de um médico e havia a possibilidade de o assaltante se baixar para ajudá-la, dando-lhe uma oportunidade de enfiar a faca no rosto do desgraçado.

— Por favor, eu imploro!

Ele hesitou, com os olhos arregalados; a artimanha tinha ido muito além do que planeara. Mas aproximou-se apenas o suficiente para alcançar o embrulho, a ponta da espada ainda apontada a Carcolf.

Assim sendo, era melhor seguir um rumo diferente e ainda mais arriscado. Ela empenhou-se para não deixar o pânico transparecer na sua voz.

— Olha, podes levar o dinheiro, não tenho nada contra ti. — Carcolf tinha, de facto, tudo contra ele, e desejava que apodrecesse no cemitério. — Mas as coisas vão correr melhor a ambos se deixares esse pacote onde está!

A mão do homem flutuou sem rumo.
— Porquê? O que há aí dentro?
— Não sei. Tenho ordens para não abrir!
— Ordens de quem?
Carcolf contraiu-se.
— Isso eu também não sei, mas...

Kurtis pegou naturalmente no pacote. Era idiota, mas não tanto. Pegou no embrulho e correu. É óbvio que correu. Quando havia agido de outra forma?

Ao passar por um beco, derrubou tudo o que viu à frente, com o coração na boca. Saltou sobre um barril partido, reequilibrou-se e saiu a correr de forma desajeitada, quase se empalando com a própria espada. Escorregou num monte de lixo, abocanhando sem querer algo levemente doce e cambaleando até se levantar de novo, enquanto cuspiu e praguejava, olhando de relance sobre o ombro, cheio de medo... Não havia sinais de perseguição. Apenas a névoa, sem fim, espumando e contorcendo-se como se tivesse vida.

Guardou o embrulho, agora um pouco pegajoso, no seu manto esfarrapado e prosseguiu a mancar, segurando a nádega magoada e ainda a esforçar-se para cuspir o gosto a podridão doce. Não que fosse muito pior do que o seu último pequeno-almoço. Melhor, talvez. «Conhece-se um homem pelo pequeno-almoço», costumava dizer o seu mestre de esgrima.

Colocou o gorro húmido, que exalava um cheiro suave a cebolas e desespero, arrancou a bolsa da espada e voltou a pôr a lâmina na bainha, saindo da viela e misturando-se na multidão, sendo inundado por um sem-número de memórias ao ouvir o som baixinho do punho a encaixar no fecho. Treinos e torneios, futuros brilhantes e a adulação das multidões. Esgrima, rapaz, é assim que vais subir na vida! Há um público tão versado em Styria, eles adoram espadachins, farás fortuna! Bons tempos, quando não tinha de vestir trapos, ou sentir-se grato pelas sobras do talho, ou roubar pessoas para sobreviver. Fez uma careta. Roubar *mulheres*. Se isso era forma de sobreviver. Lançou outro olhar furtivo sobre o ombro. Tê-la-ia matado? A sua pele arrepiou-se de horror. Foi apenas um arranhão. Só um arranhão, certo? Mas vira sangue. Por favor, que

seja só um arranhão! Esfregou o rosto, como se assim pudesse afastar a recordação, mas ela já se havia fixado. Uma a uma, coisas que nunca imaginara, que havia dito a si mesmo que nunca faria, e depois que nunca mais as faria de novo, tornaram-se parte da rotina.

Verificou outra vez se não estava a ser seguido. Deslizou para fora da rua e atravessou o quintal putrefato, sendo observado pelos rostos apagados dos heróis de ontem impressos nos jornais. Subiu os degraus, que fediam a urina, desviou-se da planta morta, pegou na chave e lutou contra a fechadura emperrada.

— Maldição, vai-te foder, que merda... *Gah!*

A porta abriu-se de repente e ele tropeçou para dentro, quase caindo outra vez, virou-se e fechou-a, parando por um momento na malcheirosa escuridão, respirando com dificuldade.

Quem acreditaria que já esgrimira com o rei? Perdera. É claro que perdera. Perdera tudo, não é? Fora derrotado por dois toques a zero e coberto de insultos pessoais, estatelado no chão, mas, ainda assim, havia medido a sua habilidade com a espada contra Sua Augusta Majestade. Aquela mesma espada, deu-se conta ao encostá-la atrás da porta. Talhada, embaciada e até um pouco torta perto da ponta. Os últimos vinte anos haviam sido cruéis, tanto para a lâmina quanto para ele. Mas talvez hoje fosse o dia em que tudo iria mudar.

Despiu o manto e atirou-o para um canto, e pegou no embrulho para abri-lo e descobrir o recheio. Tateou com a lâmpada na escuridão até conseguir produzir um pouco de luz, quase recuando quando a casa miserável lhe surgiu diante dos olhos. Os vidros estalados, a argamassa cheia de bolhas e pontos de bolor, o colchão desgastado onde dormia, vomitando palha estragada, as poucas e deformadas peças da mobília...

Estava um homem sentado na única cadeira, em frente à única mesa. Um homem grande com um casaco grande, o cabelo grisalho rapado junto ao crânio. Inspirou devagar pelo nariz grosseiro e deixou um par de dados saltar da palma da mão para a mesa manchada.

— Seis e dois — disse. — Oito.

— Quem raio és tu? — A voz de Kurtis ficara fina por causa do choque.

— O Mineiro enviou-me. — Fez os dados rolares outra vez. — Seis e cinco.

— Quer dizer que vou perder? — Kurtis olhou de relance para a

espada, tentando em vão parecer casual, pensando quanto tempo levaria para lhe pegar, sacá-la e atacar...

— Já perdeste — declarou o homenzarrão, recolhendo os dados delicadamente com a lateral da mão. Finalmente olhou para cima. Os seus olhos eram mortos como os de um peixe, como os que eram vendidos nas barracas da feira. Mortos, sombrios e cheios de um cintilar triste. — Queres que te diga o que vai acontecer se tentares pegar naquela espada?

Kurtis não era corajoso. Nunca havia sido. Precisara reunir a toda sua coragem para se forçar a surpreender alguém; ser, ele mesmo, surpreendido havia enxotado o resto da sua coragem.

— Não — murmurou com os ombros caídos.

— Dá-me o embrulho — ordenou o gigante, e Kurtis obedeceu. — E a bolsa.

Era como se toda a sua resistência tivesse sido drenada. Não era forte o suficiente para arriscar uma armadilha; quase não tinha forças para se manter de pé. Atirou a bolsa para cima da mesa e o homem abriu-a com a ponta dos dedos, espiando o conteúdo.

Kurtis moveu as mãos de maneira frouxa e impotente.

— Não tenho mais nada de valor.

— Eu sei — disse o homem ao levantar-se. — Já verifiquei.

Contornou a mesa e Kurtis encolheu-se de medo, apoiando-se no armário da cozinha. Um armário que, de momento, não continha nada além de teias de aranha.

— A dívida foi paga? — perguntou baixinho.

— Achas que foi?

Encararam-se em silêncio. Kurtis engoliu em seco.

— Quando é que fica paga?

O gigante encolheu os ombros, que pareciam diretamente colados à cabeça.

— Quando é que achas que estará?

Kurtis engoliu outra vez em seco, e percebeu que os seus lábios tremiam.

— Quando o Mineiro disser que está?

O grandalhão ergueu um pouco uma das grossas sobrancelhas, fendida pela marca sem pelos de uma cicatriz.

— Tens alguma pergunta... para a qual não saibas já a resposta?

Kurtis caiu de joelhos, contraindo as mãos, o rosto do homem

nadando ligeiramente nas lágrimas de seus olhos doridos. Não se importava com a humilhação. O Mineiro já lhe levava os últimos resquícios de orgulho há muito tempo.

— Deixa alguma coisa para mim — sussurrou. — Qualquer... coisa. O homem encarou-o com os seus olhos de peixe morto.
— Porquê?

Amistoso também levou a espada, mas não havia mais nada que valesse a pena.

— Volto na próxima semana — declarou.

Não fora uma ameaça, apenas a constatação de um facto, muito óbvio por sinal, já que tinha sido assim desde o começo do acordo, mas a cabeça de Kurtis dan Broya baixou devagar, e começou a tremer e soluçar.

Amistoso pensou se deveria tentar consolá-lo, mas desistiu da ideia; costumava ser mal interpretado.

— Talvez fosse melhor não teres feito o empréstimo — disse ao sair.

Espantava-se sempre ao constatar que as pessoas não faziam as contas antes de pedir um empréstimo. Proporções, tempo e a ação dos juros: não era tão difícil de entender. Talvez tivessem o hábito de sobrestimar os seus ganhos, envenenando-se com pensamentos positivos. Iriam ocorrer acasos felizes, as coisas iam melhorar e tudo ia dar certo, porque eles eram especiais. Amistoso não tinha ilusões; sabia que era apenas uma engrenagem sem importância nos intrincados mecanismos da vida. Para ele, factos eram factos.

Caminhava a contar os passos até ao covil do Mineiro. Cento e cinco, cento e quatro, cento e três...

Era engraçado medir a cidade e perceber o quanto era pequena. Toda aquela gente, os seus desejos, conquistas e dívidas, comprimidos neste trecho estreito de pântano conquistado. Pelos seus cálculos, não iria demorar até o pântano retomar áreas consideráveis da região. Perguntou-se se o mundo ficaria melhor quando isso acontecesse.

... setenta e seis, setenta e cinco, setenta e quatro... Amistoso detetou uma sombra. Um carteirista, talvez. Lançou um olhar despreocupado para uma banca no caminho e viu-a pelo canto do olho: uma rapariga de cabelo escuro preso sob um chapéu, vestindo um casaco grande demais para o seu tamanho. Quase uma criança. Deu alguns passos para o

interior de uma viela estreita e virou-se, bloqueando o caminho, abrindo o casaco a fim de revelar o punho de quatro das suas seis armas. A sombra dela dobrou a esquina e então ele encarou-a. Limitou-se a encará-la. A rapariga ficou imóvel, engoliu em seco, virou-se para um lado, depois para o outro, e finalmente recuou e perdeu-se na multidão. E assim se encerrou o caso.

... trinta e um, trinta, vinte e nove... Sipani, especialmente a sua húmida e aromática parte velha, encontrava-se repleta de ladrões. Um incómodo constante, como moscas no verão. Havia também assaltantes, salteadores, arrombadores, carteiristas, assassinos cruéis, *gangsters*, matadores, valentões, parasitas, vigaristas, apostadores, agenciadores de apostas, agiotas, libertinos, mendigos, charlatões, chulos, donos de casas de penhores e comerciantes desonestos, isto sem contar os contabilistas e advogados — os piores do grupo, na sua opinião. Às vezes, parecia que ninguém em Sipani produzia nada, por assim dizer; todos aparentavam estar a trabalhar no duro para arrancar tudo aos outros.

Não que ele fosse muito melhor, refletiu.

... quatro, três, dois, um e doze degraus para baixo, para lá dos três guardas e através das portas duplas da base de operações do Mineiro.

A parte de dentro estava enevoada com fumo, numa confusão de luzes coloridas, quente com a respiração e o atrito das peles, repleta com os murmúrios de conversas apressadas, de segredos negociados, reputações destruídas e confianças traídas. Assim como costumam ser todos os lugares deste tipo.

Dois nórdicos estavam encaixados atrás de uma mesa no canto. Um deles, com dentes afiados e cabelos longos e escorridos, tinha empurrado a sua cadeira até à parede, onde se sentava preguiçosamente e fumava. O outro segurava uma garrafa numa mão e um livrinho na outra, examinando-o com a testa muito franzida.

Amistoso conhecia de vista vários dos fregueses. Clientes habituais. Alguns vinham para beber, outros para comer. A maioria era viciada em jogos de azar. O retinir dos dados, o agitar das cartas de baralho, os olhos dos desesperados a brilhar ao verem a roleta girar.

Os jogos não eram o verdadeiro negócio do Mineiro, mas jogos criavam dívidas, e era com elas que ele se ocupava. Vinte e três degraus escada acima até à parte alta, o guarda com a tatuagem no rosto a sinalizar que Amistoso podia passar.

Outros três cobradores estavam ali sentados, a beber juntos. O mais pequeno sorriu-lhe e fez um aceno de cabeça, tentando, talvez, plantar as sementes de uma aliança. O maior do grupo encheu o peito e eriçou-se, pressentindo rivalidade. Amistoso ignorou os dois, sem distinção. Havia desistido há muito tempo de tentar compreender a matemática sem soluções dos relacionamentos humanos, quanto mais participar nela. Se aquele homem fizesse algo além de se eriçar, o cutelo responderia em seu nome; aquela era uma voz capaz de acabar até com as mais tediosas discussões.

A senhora Borfero era uma mulher corpulenta com cachos negros que desciam espiralados sob um chapéu roxo, óculos pequenos que aumentavam consideravelmente o tamanho dos seus olhos, e um cheiro a óleo de lamparina que parecia envolvê-la. Assombrava a antessala em frente ao escritório do Mineiro, numa escrivaninha baixa abarrotada com livros de contabilidade. No primeiro dia de trabalho de Amistoso, gesticulou em direção à porta ornamentada atrás de si e declarou: «Eu sou o braço direito do Mineiro. Ele não deve ser incomodado. Nunca. É comigo que deves falar».

Assim que viu a maneira como a mulher dominava com mestria os números naqueles livros, percebera, sem quaisquer dúvidas, que não havia ninguém no escritório e que Borfero *era* o Mineiro, mas, ao ver como ela parecia tão contente com a fraude, Amistoso decidiu, satisfeito, continuar a fingir que não sabia. Nunca gostara de agitar barcos sem ser necessário. Era assim que as pessoas se afogavam. Além do mais, preferia imaginar que as ordens vinham de outro lugar, desconhecido e irresistível. Era bom ter alguém sobre quem pudesse lançar as culpas. Olhou para a porta do escritório do Mineiro, questionando-se se do outro lado haveria mesmo um escritório ou apenas uma parede de tijolos.

— O que é que conseguiste recolher hoje? — perguntou ela, abrindo um livro de contabilidade e molhando a ponta da caneta na tinta. Direta ao assunto, sem uma saudação sequer.

Amistoso admirava e apreciava imenso tal comportamento, apesar de nunca declarar nada a esse respeito. Os seus elogios, por norma, ofendiam.

Pegou nas moedas em montinhos, deixando-as cair a seguir, uma a uma, retinindo, em filas ordenadas por devedor e valor. A maioria era em metal barato, folheado com uma pitada de prata.

Borfero inclinou-se para a frente na cadeira, franzindo o nariz e empurrando os óculos para a testa; os seus olhos pareciam especialmente pequenos sem eles.

— Há também uma espada — anunciou Amistoso, apoiando-a na lateral da escrivaninha.

— Uma colheita dececionante — murmurou ela.

— O solo por aqui é árido.

— De facto. — Ela recolocou os óculos e começou a fazer cálculos no livro de contabilidade. — Está difícil para todos.

Repetia frequentemente aquela frase, como se servisse de justificativa para absolutamente tudo.

— O Kurtis dan Broya perguntou-me quando é que a dívida está paga.

Borfero olhou para cima, surpreendida com a pergunta.

— Quando o Mineiro disser que está.

— Foi o que respondi.

— Ótimo.

— Pediste-me para procurar... um pacote. — Pousou-o na escrivaninha. — Estava com o Broya.

Não parecia ser assim tão importante. Tinha menos de trinta centímetros de comprimento e estava embrulhado num pedaço de couro muito velho, manchado e esgaçado, onde uma letra, ou talvez um número, fora marcado a ferro. Mas não era um número reconhecível.

A senhora Borfero apanhou o pacote, repreendendo-se em seguida por se ter mostrado tão ávida. Sabia que, no que tocava a negócios, não podia confiar em ninguém. Um turbilhão de interrogações surgiu-lhe na mente. Suspeitas. Como é que aquele imprestável do Broya lhe teria deitado a mão? Será que aquilo era uma artimanha? Seria Amistoso um espião de Gurkhul? Ou talvez de Carcolf? Um duplo *bluff*? Não havia limites para os esquemas daquela cabra orgulhosa. Um *bluff* triplo? Mas onde estaria a farsa? E o lucro?

Um *bluff* quádruplo?

O rosto de Amistoso não deixava transparecer nenhum vestígio de ganância, ambição ou de qualquer outra coisa. Era um tipo estranho, sem dúvida, mas fora muito bem recomendado. Parecia preocupar-se

apenas com os negócios, e ela apreciava isso num homem, mesmo sem nunca declarar nada a esse respeito. Um administrador deve manter um certo ar de indiferença.

Às vezes, as coisas eram o que pareciam ser. Borfero já testemunhara uma quantidade considerável de casos estranhos ao longo da vida.

— Talvez seja o que procuro — meditou, apesar de, na verdade, ter tido a certeza no momento em que viu o embrulho. Não era o tipo de mulher que perdia tempo com possibilidades.

Amistoso concordou com um gesto de cabeça.

— Saíste-te bem — declarou ela.

Ele acenou novamente com a cabeça.

— O Mineiro vai querer premiar-te.

«Seja generosa com os seus, ou os outros o serão», costumava dizer. Mas a generosidade não era capaz de provocar qualquer tipo de reação em Amistoso.

— Uma mulher, talvez?

Ele pareceu ficar um pouco aflito com a sugestão.

— Não.

— Um homem?

Essa agora.

— Não.

— Bebida? Uma garrafa de...

— Não.

— Deve haver alguma coisa.

Ele encolheu os ombros.

A senhora Borfero soprou, esvaziando as bochechas. Havia conquistado todo o seu património estimulando os desejos dos outros. Não sabia bem o que fazer com alguém que não tinha nenhum.

— Bom, nesse caso, porque é que não pensas no assunto?

Amistoso concordou com a cabeça, devagar.

— Assim farei.

— Quando entraste, viste dois nórdicos a beber?

— Vi dois nórdicos. Um deles estava a ler um livro.

— A sério? Um livro?

Amistoso encolheu os ombros.

— Há leitores por toda a parte.

...

Ela percorreu rapidamente o estabelecimento com o olhar, reparando na decepcionante falta de clientes ricos e calculando quão deploráveis seriam os lucros daquela noite. Se um dos nórdicos estava a ler, tinha desistido. Fundo estava a beber diretamente da garrafa um dos seus melhores vinhos. Havia três garrafas caídas debaixo da mesa. Raso fumava um cachimbo de chaga, empestando o ambiente em redor. Borfero não costumava permitir esse tipo de coisas, mas era obrigada a abrir uma exceção com aqueles dois. Não conseguia perceber porque é que o banco escolhera empregar duas criaturas tão repugnantes. Pessoas ricas não precisam de se explicar, constatou.

— Cavalheiros — disse, ao sentar-se numa cadeira.

— Onde? — coaxou Raso, com uma risada.

Fundo colocou lentamente a sua garrafa na vertical, encarando o irmão sobre o ombro, com um olhar amargo de desprezo.

Borfero prosseguiu no seu tom profissional, suave e lógico.

— Vocês disseram que os vossos... *empregadores* ficariam muito gratos se eu por acaso encontrasse... um *certo artigo* que mencionaram.

Os dois nórdicos mostraram-se imediatamente interessados, inclinando-se ambos para frente como se fossem atraídos por um mesmo isco, com a bota de Raso a esbarrar numa garrafa vazia, fazendo-a rolar em arco pelo chão.

— Profundamente gratos — disse Fundo.

— E a gratidão deles subtrairia quanto da minha dívida?

— Tudo.

Borfero sentiu a pele arrepiar-se. Liberdade. Seria possível? No seu bolso, naquele instante? Mas, devido à dimensão da aposta, não podia baixar a guarda. Quanto maior a recompensa, maior a cautela.

— A minha dívida seria extinta?

Raso aproximou-se, sugando o tubo do cachimbo por entre a barba rala.

— Morta — disse.

— Assassinada — rugiu o irmão, que se aproximara de repente pelo outro lado da mesa.

Ela não gostava minimamente de ter perto de si aquelas fisionomias de assassinos rudes e cheias de cicatrizes. Mais alguns instantes daquele bafo poderiam derrubá-la.

— Excelente — guinchou, colocando o pacote delicadamente sobre a mesa. — Vou cancelar de imediato o pagamento dos juros. E, por favor, digam para... aos vossos empregadores... que mandei cumprimentos.

— Está descansada — declarou Raso, mais a mostrar os dentes afiados do que a sorrir. — Apesar de, para eles, os teus cumprimentos de pouco valerem.

— Não leves a peito, OK? — disse Fundo, sem sorrir — Os nossos chefes só não são muito dados a cortesias.

Borfero inspirou rapidamente.

— Está difícil para todos.

— É, não é?

Fundo levantou-se e pegou no embrulho com uma das suas mãos grandes.

O ar frio vergastou Fundo quando saíram para a noite. Sipani, que já não era muito agradável quando o clima estava bom, decidira virar de repente o tempo.

— Tenho de admitir — disse, aclarando a garganta e cuspiendo a seguir — que estou mais bêbedo do que eu sei lá.

— E como — respondeu Raso, arrotando enquanto olhava para a neblina e esfregava os olhos. Pelo menos, o tempo começava a abrir. Até onde era possível, naquele inferno sombrio. — Provavelmente, não é a melhor coisa de se estar enquanto se trabalha, sabes?

— Tens razão — Fundo pegou no embrulho sob a reduzida luz disponível. — Mas quem iria imaginar que isso ia simplesmente cair no nosso colo?

— Eu não, de certeza. — Raso franziu a testa. — Ou seria... de incerteza?

— Era suposto ser um único gole — comentou Fundo.

— Os goles gostam de se multiplicar como coelhos — comentou Raso, inclinando aquele maldito e idiota chapéu idiota. — Vamos dar uma volta até ao banco?

— Pareces a merda de um atrasado mental, com esse chapéu.

— Mano, tu és obcecado pelas aparências.

Fundo desvalorizou o comentário com um longo assobio.

— Achas que eles vão mesmo acertar as dívidas daquela mulher?

— Talvez para já. Mas já sabes como é que eles são. Se alguém começa a dever, deve para sempre.

Fundo cuspiu outra vez e, agora que a viela balançava menos, cambaleou para a frente, agarrando o pacote com força numa das mãos. Não iria de maneira nenhuma guardá-lo no bolso a jeito, de onde poderia ser surripiado por qualquer vagabundo. Sipani encontrava-se repleta de ladrões desgraçados. Da última vez que ali fora, roubaram-lhe as meias, o que resultou num doloroso par de bolhas na viagem de volta. Quem raio rouba meias? Malditos styrianos. Estava a segurar o volume com firmeza; queria ver aqueles merdas a tentarem meter-se agora com ele.

— Quem é que é o atrasado? — chamou Raso, logo atrás — O banco é para este lado.

— Só que nós não estamos a ir ao banco, anormal — rosnou Fundo por cima do ombro. — Temos de atirá-lo a um poço num pátio velho, logo ali na esquina.

Raso correu para alcançá-lo.

— Temos?

— Não, foi só uma piada, idiota.

— Porquê num poço?

— Porque é isso que querem que se faça.

— Quem quer que se faça isso?

— O chefe.

— O chefinho ou o chefão?

Mesmo bêbado como estava, Fundo achou que devia falar mais baixo.

— O chefe careca.

— Merda — sussurrou Raso. — Em pessoa?

— Em pessoa.

Um breve momento de silêncio.

— Como é que foi a conversa?

— Ainda mais assustadora do que o normal, obrigado por me lembrares.

Seguiu-se um longo silêncio, ouvindo-se apenas o som das botas mo piso molhado.

— É melhor desta vez não fazermos merda — disse Raso.

— Agradeço do fundo do coração por essa observação tão

esclarecedora — reagiu Fundo. — Devemos evitar fazer merda sempre que possível, não te parece?

— Nós tentamos sempre evitar, é claro, mas às vezes acontece. O que eu quero dizer é que espero que a merda não venha para cima de nós. — Raso abaixou o tom até ao nível de um sussurro. — Lembras-te do que disse o chefe careca da última vez.

— Não precisas de sussurrar. Ele não está aqui, está?

Raso olhou loucamente ao redor.

— Não sei. Será que está?

— Não, não está. — Fundo massajou as têmporas. Há tempos concluíra que um dia ia acabar por matar o irmão. — Foi isso que eu quis dizer.

— Mas, e se estivesse? Mais vale agir pensando no pior.

— Dá para calares a boca pela porra de um segundo? — Fundo agarrou Raso pelo braço e bateu-lhe com o pacote na cara. — É como se eu estivesse a falar com a porra de um... Ficou muito surpreso quando uma silhueta escura deslizou entre os dois e descobriu, de repente, que a sua mão estava vazia.

Kiam correu como se a sua vida estivesse em jogo. E estava mesmo, como é óbvio.

— Atrás dele, raios!

Ouviu os dois nórdicos a bater, colidindo e tropeçando pela viela logo atrás, nunca longe o suficiente para o seu gosto.

— É uma miúda, idiota!

Estavam a aproximar-se, grandes, trapalhões e, no entanto, rápidos, com as botas a martelar o chão e as mãos a agarrar o ar. Se, por um momento, conseguissem apanhá-la...

— O que é que isso importa? Apanha aquilo outra vez!

E respiração dela chiava, o coração disparava e os músculos queimavam enquanto corria.

Virou numa esquina, os pés envoltos em trapos que aderiam aos paralelepípedos húmidos, com o caminho a alargar, lâmpadas e tochas a criar manchas sujas na névoa e pessoas a vaguear por toda a parte. Baixava-se e contorcia-se ao redor ou entre elas, com os rostos a aproximarem-se para logo desaparecerem.

A feira noturna do Lado Negro: barracas, compradores e os gritos dos comerciantes, cheia de ruídos e cheiros e lotada de agitação. Kiam deslizou entre as rodas de uma carroça, flexível como um furão, mergulhou entre comprador e vendedor numa chuva de fruta, e depois rastejou através de uma barraca cheia de peixes pegajosos enquanto o comerciante gritava e tentava agarrá-la, sem sucesso. Enfiou o pé num cesto e prosseguiu, pontapeando marisco pela rua. Ainda conseguia ouvir os berros e urros enquanto os nórdicos empurravam os transeuntes para longe ao persegui-la, estrondos quando viravam carroças para fora do caminho, como se uma tempestade irracional estivesse a destruir a feira mais atrás. Afundou por entre as pernas de um homenzarrão, dobrou outra esquina e desceu a escada escorregadia dois degraus de cada vez, seguindo pelo caminho estreito ao lado da água imunda, com ratos a guinchar no lixo e os sons dos nórdicos agora mais altos, ainda mais altos, amaldiçoando-a e um ao outro. Correu desesperada, quase sem fôlego e o peito a arder, a água a voar e a esparramar-se em redor com o eco de cada passada.

— Apanhámo-la! — gritou uma voz, muito próxima dos seus calcanhares. — Volta aqui!

Lançou-se através de um buraquinho na grade enferrujada, com uma ponta de metal afiada a deixar-lhe um corte latejante no braço, sentindo-se, pela primeira vez, grata pelo facto de a Velha Verde nunca lhe dar comida suficiente. Relaxou nas profundezas da escuridão, mantendo-se abaixada e agarrando o pacote enquanto se esforçava por recuperar o fôlego. E então eles chegaram, um dos nórdicos puxando a grade, os nós dos dedos brancos por causa do esforço, partículas de ferrugem a derramar-se enquanto esta cedia. Kiam observava a cena, perguntando-se o que aquelas mãos fariam se conseguissem colocar as unhas sujas na sua pele.

O outro enfiou o rosto barbudo no vão, com uma faca mal intencionada numa das mãos — não que alguém que acabara de ser roubado já tenha segurado uma faca com boas intenções. Os seus olhos saltaram ao vê-la e os lábios cheios de crostas contraíram-se quando disse, rangendo os dentes:

— Passa para cá esse embrulho e vamos fingir que isto nunca aconteceu. Passa já!

Kiam disparou a correr, com a grade a ranger ao dobrar-se.

— Já eras, sua merdosa! Vamos encontrar-te, podes ter a certeza!

Ela prosseguiu, rastejando pelo pó e pela imundície, contorcendo-se através de uma fenda entre paredes que ameaçavam desmoronar.

— Vamos encontrar-te! — ecoou a voz atrás dela. Talvez encontrassem mesmo, mas uma ladra não tem tempo para se preocupar com o amanhã. O hoje já é suficientemente mau.

Tirou o casaco à pressa e voltou a vesti-lo, do avesso, deixando a costura verde e desbotada à mostra. Guardou o chapéu no bolso e deixou os cabelos caírem longos pelos ombros, deslizando sorratamente para o passeio ao lado do Quinto Canal, avançando rápido, com a cabeça baixa.

Um barco de lazer passou a flutuar canal abaixo, ecoando conversas e risos e copos a tilintar, os passageiros movendo-se languidamente, as cabeças erguidas, tão sobrenaturais quanto fantasmas naquela névoa. Kiam questionou-se quanto ao que teriam feito para merecer aquela vida e o que teria feito para merecer a sua, mas não havia respostas fáceis para tal questão.

Enquanto a embarcação adentrava na névoa com as suas luzes cor-de-rosa, ouviu a música do violino de Hove. Parou por um momento nas sombras, escutando e encantando-se com a beleza da melodia. Olhou para o pacote. Não parecia valer aquele trabalho todo; não era nem sequer muito pesado. Mas não cabia a ela decidir o que a Velha Verde cobijava. Limpou o nariz e continuou a caminhar, perto da parede, a música cada vez mais alta, até que avistou as costas de Hove e o movimento do arco; deslizou atrás dele e deixou o embrulho cair no seu bolso aberto.

Hove não se apercebeu do pacote a ser depositado, mas sentiu três toques nas costas e o peso no casaco quando se moveu. Não viu quem havia feito o depósito e também não procurou saber. Apenas continuou a tocar, aquela marcha da União com a qual abrira todas as apresentações durante o tempo em que pisara os palcos de Adua, ou abaixo deles, pelo menos, aquecendo o público para a grandiosa entrada de Lestek. Antes de a sua esposa morrer e tudo ir à merda. As notas alegres faziam-no recordar o passado; começou a sentir lágrimas a brotarem-lhe dos olhos cansados e então mudou para um minueto melancólico, mais condizente com o seu humor — não que a maior parte do povo ali presente conseguisse notar a diferença. Sipani gostava de se apresentar como

um polo cultural, mas a maioria dos habitantes eram bêbedos, trapaceiros e ladrões grosseiros, ou combinações variáveis dessas três categorias.

Como chegara àquele ponto, afinal?

A lengalenga do costume. Vagueou pela rua como se não quisesse nada além de uns trocados em troca da sua música, deixando as notas derramarem-se na escuridão. Passou pela barraca de tortas, o cheiro de carne barata a fazer o seu estômago roncar, e parou de tocar para expor o chapéu à fila. Não recebeu nenhum tostão, como de costume, e então desceu a rua até ao Verscetti's, dançando por entre as mesas no passeio e executando uma valsa ospriana, sorrindo para os fregueses ali sentados, com os seus cachimbos ou garrafas, brincando com finos caules de vidro por entre os dedos enluvados, os olhos a derramar desprezo através dos vãos nas máscaras espelhadas. Jervi estava sentado perto da parede, como sempre, uma mulher na cadeira oposta à sua com o cabelo preso no topo da cabeça.

— Olá, querida, que tal um pouco de música? — coaxou Hove, inclinando-se para ela e deixando o casaco balançar perto do colo de Jervi.

Jervi retirou furtivamente algo do bolso de Hove, franzindo o nariz para o cheiro a bebida rançosa, e disse:

— Põe-te a milhas, OK?

Hove seguiu em frente e levou a sua música horrenda consigo, graças aos deuses.

— O que é que se passa ali? — Riseld tirou a máscara por um instante, revelando aquele rosto macio e redondo, bem maquilhado e com uma expressão de tédio, de acordo com a última moda.

Parecia, de facto, haver algum tipo de confusão na parte de cima da rua. Colisões, pancadas e gritos na língua do norte.

— Malditos nórdicos — murmurou ele. — Sempre a causar problemas. Deviam ser obrigados a usar coleiras, como cães. — Retirou o chapéu e lançou-o sobre a mesa, o sinal corriqueiro, e então reclinou-se na cadeira a fim de segurar o pacote junto ao chão, sem levantar suspeitas. Um negócio detestável, mas é preciso trabalhar. — Não é nada com que precisas de te preocupar, querida.

Ela sorriu-lhe daquela forma entediada e desinteressada que, por algum motivo, achava irresistível.

— Vamos para a cama? — perguntou, deixando um par de moedas na mesa pelo vinho.

Ela suspirou.

— Fazer o quê?

E Jervi sentiu o pacote a desaparecer.

Sifkiss contorceu-se e saiu de debaixo das mesas, seguindo em frente, cheio de si, deixando o bastão chocalhar ao passá-lo pelas barras da cerca ao lado enquanto balançava o pacote na outra mão. Talvez a Velha Verde tivesse dito algo sobre ser discreto, mas esse já não era o seu estilo. Um homem precisa de criar o seu próprio estilo de fazer as coisas, e ele já tinha treze anos, certo? Não tardava nada ia subir de nível. Talvez fosse trabalhar para o Kurrikan. Qualquer um podia ver que era especial: tinha roubado uma cartola que o fazia parecer um ricaço a passear pela cidade e, para o caso de os outros serem burros o suficiente para duvidarem, e alguns infelizmente eram, colocara o adereço num ângulo bastante elegante. Elegante como o diabo.

Isso mesmo, todos tinham apenas olhos para Sifkiss.

Verificou se não estaria a ser observado, deslizou pelos arbustos orvalhados e para dentro da fenda no muro logo atrás que, para dizer a verdade, estava a ficar um tanto apertada, indo parar à cave do templo velho, com uma nesga de luz a chegar do piso de cima.

A maioria das crianças estava fora a trabalhar. Só dois dos meninos mais novos brincavam com dados e uma menina roía um osso, enquanto Pens fumava sem sequer olhar para ele e aquela novata tossia, encolhida a um canto. Sifkiss não gostava do som daquela tosse. Era quase certo que iria despejá-la nos esgotos num ou dois dias mas, ei, isso queria dizer que ia faturar mais uns trocos com dinheiro de um defunto, certo? A maior parte do pessoal não gostava de lidar com cadáveres, mas isso nunca o incomodou. Uma chuvada não lava os outros para fazer um favor, dizia a Velha Verde nesse tipo de situação. Ela estava lá ao fundo, recurvada sobre a antiga escrivaninha com um lampião aceso, o cabelo longo e cinzento todo empapado e oleoso, a língua a pressionar as gengivas vazias enquanto observava a sua aproximação. Um tipo com bom ar acompanhava-a, com um colete cheio de folhas de prata com estilo; Sifkiss começou a gingar, tentando impressionar.

— Deitaste-lhe a mão? — perguntou a Velha Verde.

— Claro — respondeu Sifkiss com um movimento de cabeça, batendo com o chapéu numa viga baixa e praguejando ao voltar a pô-lo, desajeitado. Com má cara, atirou o embrulho para cima da mesa.

— **E**ntão podes ir embora — rosnou ela. Sifkiss fez uma careta, como se quisesse ripostar. Aquele patife estava a ficar muito atrevido, e só se pôs ao fresco quando Verde lhe mostrou as costas da mão nodosa.

— E aqui está, como prometido.

Apontou para o embrulho de couro no círculo de luz sobre a mesa velha. O tampo estava todo rachado e manchado e com o esmalte a descascar, mas ainda era um móvel antigo e de boa qualidade com muitos anos pela frente. Como a própria Velha Verde, ou assim pensava ela.

— Um pacote pequeno demais para tanto estardalhaço — constatou Fallow, enrugando o nariz ao atirar uma pequena bolsa para cima da mesa, com o adorável tilintar de moedas. A Velha Verde agarrou-a e abriu-a sem cerimónias, começando de pronto a contar as moedas.

— Onde está aquela tua miúda, a Kiam? — perguntou Fallow. — Onde está a Kiamzinha, hein?

Os ombros de Verde retesaram-se, mas continuou a contar. Poderia contar até mesmo num navio no meio de uma tempestade.

— A trabalhar.

— Quando é que ela volta? Gosto da miúda. — Fallow aproximou-se um pouco, a voz saindo aos borbotões. — Podias obter um belo preço por ela.

— Mas ela é a que mais lucro me traz! — protestou Verde. — Há outros que poderias levar. Que tal aquele patife do Sifkiss?

— Qual, o mal-encarado que trouxe a encomenda?

— É um bom trabalhador. Rapaz forte, muito corajoso. Acho que daria um bom remador numa galé. Talvez até um gladiador.

Fallow riu-se com desdém.

— Aquele merdas? Numa arena? Acho que não. E é provável que precise de umas chicotadas para puxar um remo.

— E? Eles têm chicotes, não é?

— Creio que sim. Se for preciso, hei de levá-lo. Ele e mais três. Para

a semana vou à feira em Westport. Tu escolhes, mas não tentes impingir-me o teu lixo.

— Eu não dou trabalho a lixo — declarou Verde.

— Não tens nada além de lixo, sua vigarista velha dos infernos. E o que é que dizes ao resto da ninhada, hein? — Fallow assumiu um tom de voz ingénuo e sonhador. — Que hão de trabalhar como servos para a nobreza, ou viver a tratar de cavalos numa quinta, ou que serão adotados pelo raio do imperador de Gurkhul ou alguém do género?

Ele riu-se, e a Velha sentiu um desejo forte e repentino de pegar na sua faca, mas a vida já lhe ensinara a ser mais ajuizada, e do modo mais difícil.

— Digo-lhe o que preciso de dizer — grunhiu, ainda a trabalhar nas moedas com os dedos. Aquelas porcarias de dedos já não tinham nem metade da agilidade de antigamente.

— Faz o que combinámos e eu volto noutro dia para buscar a Kiam, OK? — disse Fallow, piscando o olho.

— Como queiras — respondeu Verde. — Tu é que mandas.

Mas iria ficar com Kiam a todo custo. Não podia salvar muitos, não era tola a ponto de acreditar nisso, mas talvez pudesse salvar um, e no seu último dia poderia dizer que pelo menos havia feito alguma coisa. Provavelmente ninguém estaria ao seu lado para escutar, mas ela saberia.

— Está tudo aqui. O pacote é teu.

Fallow pegou no embrulho e pôs-se a milhas daquela merda de lugar malcheiroso. Fazia-o recordar demais a prisão, principalmente o cheiro. E os olhos das crianças, todos grandes e húmidos. Não se importava de comprá-las e vendê-las, mas não queria olhá-las nos olhos. Por acaso o carniceiro gosta de olhar nos olhos do carneiro? Talvez não se importe. Talvez consiga habituar-se àquilo. Fallow importava-se demais, era esse o problema. Sentimentos em excesso.

Os seus guardas estavam a descansar à entrada. Acenou para o grupo e partiu, avançando no meio do quadrado formado pelos homens.

— Correu tudo bem na reunião? — perguntou-lhe Grenti por cima do ombro.

— Não correu mal — grunhiu, num tom que visava desencorajar

novas conversas. Certa vez ouvira Kurrikan dizer: *Queres ter amigos ou dinheiro?* A frase enraizara-se na sua mente.

Infelizmente, a atitude não desencorajou minimamente Grenti.

— Vamos diretos para a base do Kurrikan?

— Sim — respondeu Fallow, da forma mais brusca possível.

Mas Grenti não conseguia fechar a matraca. Assim como a maioria dos rufias, aliás. Consequência, talvez, de todo o tempo que passam sem fazer nada.

— Mas é uma casa e tanto, a do Kurrikan, não é? Como é que se chamam aquelas colunas na parte da frente?

— Pilastras — grunhiu outro dos rufias.

— Não, não, eu sei o que são pilastras. Não. Estou a falar do nome daquele tipo específico de arquitetura, com as folhas de videira lá ao redor da cabeça?

— Lá?

— Não, não, esse é o trabalho de escultura, sulcado com o cinzel, estou a falar do estilo geral... espera.

Por um segundo, Fallow ficou profundamente aliviado com a interrupção. Mas então começou a preocupar-se. Havia uma silhueta na neblina logo à frente, ocupando imenso espaço. Até agora, os mendigos, foliões e ralé que costumavam espalhar-se por ali haviam saído da frente do seu caminho, como o solo quando é arado. Mas aquele não se mexia. Era um estupor gigantesco, tão alto quanto o seu maior guarda, e vestia um casaco branco, com o capuz puxado sobre a cabeça. Bem, agora já não era branco. Nada fica claro por muito tempo em Sipani. A humidade tornara-o cinzento, e manchas negras espalhavam-se pela bainha.

— Afastem-no do caminho — rosnou.

— Merda, desvia-te da frente! — rugiu Grenti.

— És o Fallow? — O homem baixou o capuz.

— É uma mulher — constatou Grenti. E de facto era, apesar do pescoço grosso e musculoso, do maxilar anguloso e do cabelo ruivo cortado rente ao crânio.

— Eu sou Javre — declarou, levantando o queixo e sorrindo. — A Leoa de Hoskopp.

— Talvez seja doida — ponderou Grenti. — Deve ter escapado do hospício que há lá mais à frente.

— Em tempos, já fugi de um hospício — revelou a mulher. Tinha

um sotaque estranho; Fallow não conseguia identificar de onde. — Na verdade, era uma prisão para magos, mas alguns haviam enlouquecido. A diferença é pequena: a maioria dos magos já é, no mínimo, excêntrica. Mas isso não vem ao caso. Tens algo de que preciso.

— A sério? — disse Fallow, esboçando um sorriso. Agora estava mais calmo. Primeiro, porque se tratava de uma mulher; segundo, porque não tinha dúvidas de que era louca.

— Nunca fui muito boa com as palavras, pelo que não sei como poderia convencer-te. É um problema antigo. Mas seria melhor para todos nós se me entregasses voluntariamente o que quero.

— Vou dar-te uma coisa voluntariamente — respondeu Fallow, enquanto os seus homens abafavam o riso.

A mulher não se riu.

— É um pacote, embrulhado em couro, cerca de... — Ergueu uma das mãos grandes, estendendo o polegar e o indicador. — Cinco vezes o tamanho da tua piça.

Se ela sabia do embrulho, era caso para preocupação. E Fallow perdia o sentido de humor quando o assunto era a sua piça, para a qual nenhum dos unguentos fizera o menor efeito. Parou de sorrir.

— Matem-na.

Ela acertou algures no peito de Grenti, ou pelo menos foi isso que ele pensou; ficara tudo indistinto. Os seus olhos arregalaram-se e emitiu uma espécie de grito estranho, ficando ali, paralisado, a tremer até à ponta dos dedos, com apenas metade da espada fora da bainha.

O segundo guarda — um homem da União, grande como um cavalo — tentou atingi-la com a clava, mas acertou apenas no seu casaco esvoaçante. Um segundo depois, houve um grito de surpresa e ele voou de cabeça para baixo até ao outro lado da rua, colidindo com a parede e indo ao chão por entre uma chuva de poeira e pedaços de estuque que se desprenderam dos tijolos rachados e caindo sobre o corpo inerte.

O terceiro — um ospriano de dedos ágeis — sacou de uma faca de arremesso, mas, antes que pudesse lançá-la, a clava chilreou pelo ar e acertou-lhe na cabeça. Caiu sem fazer barulho, de braços estendidos.

— Chamam-se colunas antíricas.

A mulher colocou o indicador na testa de Grenti, empurrando-o com delicadeza. Ele tombou e ficou ali, deitado de lado no esterco, ainda paralisado, a tremer e com os olhos focados no vazio.

— E isso foi só com uma mão. — Ergueu o outro punho grande, tendo materializado uma espada embainhada de algum lugar, com o ouro a brilhar no punho. — A seguir vou sacar desta espada, forjada nos Tempos Antigos com o metal de uma estrela cadente. Apenas seis pessoas vivas viram essa lâmina; vais achá-la extremamente bela. E, por fim, vou usá-la para te matar.

O último guarda trocou um rápido olhar com Fallow, atirou o seu machado para longe e saiu a correr.

— Hum — disse a mulher, franzindo levemente, dececionada, as sobrancelhas ruivas. — Só para que conste, se fugires, eu apanho-te em... — Semicerrou os olhos e comprimiu os lábios, medindo Fallow de cima a baixo com um olhar avaliador. Tal como ele por norma avaliava as crianças. Constatou que não gostava de ser medido assim. — ... cerca de quatro passadas.

Ele correu.

Ela alcançou-o em três, e de repente Fallow estava caído com a cara nos paralelepípedos sujos e o braço bruscamente torcido atrás das costas.

— Não fazes ideia de com quem te meteste, sua cabra idiota!

Debateu-se inutilmente contra a força de aço da mulher e gemeu de dor quando o seu braço foi ainda mais torcido.

— Não sou nenhuma pensadora, é verdade — declarou, sem o menor sinal de esforço na voz. — Gosto de coisas simples e bem feitas; não tenho tempo para filosofar. Queres fazer o favor de me dizer onde está o pacote ou tenho de te bater até ele cair?

— Eu trabalho para o Kurrikan! — arquejou ele.

— Sou nova na cidade. Os nomes não me enfeitiçam.

— Vamos encontrar-te!

Ela riu-se.

— Mas é claro que vão; não gosto de me esconder. Sou Javre, a Primeira dos Quinze. Javre, cavaleira templária da Ordem Dourada. Javre, A que Quebra Correntes, Quebra Promessas, Quebra Rostos. — Socou-o na parte de trás da cabeça, e ele teve a certeza de que havia partido o nariz contra o chão, o gosto salgado do sangue a preencher-lhe a parte de trás da boca. — Para me encontrar, basta perguntar por Javre — disse ao reclinar-se sobre Fallow, com o seu hálito a fazer-lhe cócegas na orelha. — Os teus problemas começam depois de me encontrares. Agora, diz-me lá, onde está o pacote?

Ele começou a sentir um aperto na mão. Apenas uma leve dor de início, e depois mais, e mais, uma ardência pura a subir-lhe pelo braço, fazendo-o ganir como um cão.

— Ai, ai, ai, no bolso de dentro, no bolso de dentro!

— Muito bem.

Sentiu as mãos a inspecionar-lhe a roupa, mas permanecer imóvel era tudo o que lhe restava fazer, gemendo enquanto o retinir dos nervos passava aos poucos. Virou o pescoço para o outro lado de modo a olhar para ela, cingindo os lábios.

— Juro pela porra dos meus dentes da frente...

— Tens a certeza? — perguntou, no mesmo instante em que os seus dedos encontraram o bolso secreto e de lá retiraram o embrulho. — Não é bom que te precipites.

Javre apertou os dois dentes da frente de Fallow entre o polegar e o indicador, arrancando-os com uma pequeno torção. Aprendera o truque com um ancião em Suljuk; assim como em tantas outras coisas da vida, o segredo estava no pulso. Deixou-o recurvado no meio da rua, a tentar tossi-los para fora.

— Da próxima vez que nos encontrarmos, vou ter de te mostrar a espada! — gritou enquanto se afastava, enfiando o pacote por debaixo do cinto. Pela Deusa, aqueles sipanesees eram todos uns fracos. Será que não havia mais ninguém capaz de pôr as suas habilidades à prova?

Sacudiu a mão, sentindo-a dorida. Provavelmente aquela unha ia enegrecer e cair, mas rapidamente nasceria outra vez. Ao contrário dos dentes de Fallow. E essa não era a primeira unha que perdia, pois não. Lembrou-se daquele dia memorável em que perdera todas as unhas das mãos e dos pés quando ficara aos cuidados carinhosos do Profeta Khalul. Aquilo sim, havia sido uma boa prova. Por um momento, quase sentiu saudades dos interrogadores. Sem dúvidas sentia saudades da sensação de enfiar a cabeça do chefe deles no seu próprio braseiro quando escapara. Fez um «Tzzz» e tanto!

Mas talvez o tal de Kurrikan ficasse suficientemente ofendido para mandar um assassino decente atrás dela. E então poderia caçá-lo. Não chegaria nem aos pés das grandes batalhas de outrora, mas serviria para matar o tempo durante as noites.

No presente, Javre caminhava, firme e ligeira, com os ombros para trás. Adorava caminhar. A cada passada, sentia a própria força: todos os músculos completamente relaxados, mas prontos para transformar, em questão de segundos, o próximo passo num salto poderoso, um pulo seguido de cambalhota, um golpe mortal. Pressentia cada pessoa à sua volta sem precisar de olhar, avaliando os níveis de ameaça, prevenindo os ataques, imaginando a sua própria reação, o ar em redor povoado por probabilidades calculadas, as imediações mapeadas, as distâncias constatadas, todas as coisas úteis anotadas. As provas mais árduas são aquelas que não se conseguem prever, pelo que Javre era a arma sempre afiada, nunca guardada na bainha, a resposta para todas as perguntas.

Mas nenhuma lâmina saiu disparada da escuridão. Nenhuma flecha, nenhuma bola de fogo, nenhum jato de veneno. Nenhum bando de assassinos surgiu de repente por entre as sombras.

Uma pena.

Só uma dupla de nórdicos bêbedos a brigar do lado de fora do covil de Pombrine, um deles a ranger os dentes e a falar algo sobre o chefe carcereira. Não lhes prestou atenção enquanto subia as escadas, ignorando os vários guardas de cenho franzido, inferiores até aos homens de Fallow, seguindo pelo corredor até ao salão central, completo com mármore falso, candelabros baratos e um mosaico nada excitante de um casal rechonchudo a fornicar de quatro. Era evidente que a agitação da noite ainda estava para começar: prostitutas e prostitutas, além de um que Javre não sabia dizer a qual grupo pertencia, descansavam entediados sobre os móveis extravagantes.

Pombrine estava ocupado a repreender um membro do seu rebanho por usar muita roupa, mas ergueu o olhar, surpreendido, quando ela entrou.

— Já de volta? O que é que correu mal?

Javre riu-se bem alto, às gargalhadas.

— Tudo — declarou, rindo ainda mais alto ao vê-lo arregalar os olhos. — Para eles.

Pegou-o pelo pulso e colocou o embrulho na sua mão.

Pombrine contemplou o modesto volume de couro.
— Conseguieste?

A mulher envolveu os ombros dele com um dos seus braços pesados e apertou-os, fazendo-o arquejar ao sentir os ossos estalarem. Sem dúvida que tinha um tamanho excepcional, mas era difícil acreditar na força que exercia até quando estava relaxada.

— Não me conheces. No entanto, sou Javre, a Leoa de Hoskopp — disse ela, encarando-o e fazendo com que experimentasse a desagradável e desconhecida sensação de ser um miúdo malcomportado preso nos braços da mãe. — Quando aceito um desafio, não me esquivo. Mas em breve vais aprender.

—guardo ansioso pelo início da minha aprendizagem — disse Pombrine, livrando-se com um rodopio do peso esmagador daquele braço. — Não... o abriste?

— Disseste que não deveria fazê-lo.

— Ótimo, ótimo. — Olhou para baixo, com um sorriso a começar a formar-se no rosto, incapaz de acreditar em como aquilo havia sido fácil.

— Vamos ao meu pagamento, então.

— Mas é claro.

Pegou na carteira, enquanto ela estendia uma mão calejada.

— Quero metade em carne.

— Em carne?

— Não é isso que vendes por aqui?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Metade é uma bela quantidade de carne.

— Eu aguento. E pretendo ficar por uns tempos.

— Sorte a nossa — murmurou ele.

— Quero-o a ele.

— Uma escolha excelente, eu...

— E a ele. E a ele. E a ela — disse Javre, esfregando as mãos ásperas.

— Ela pode aquecer os rapazes; não estou a pagar para bater punhetas a ninguém.

— É claro que não.

— Sou uma mulher de Thond e tenho apetites vorazes.

— Estou a ver que sim.

— E em nome do sol, manda alguém preparar-me um banho. Já estou a cheirar como uma puta excitada. Tremo só de pensar no fedor quando terminar. Vou acabar por atrair todos os gatos da cidade! — disse, voltando a rir-se às gargalhadas.

Um dos homens engoliu em seco. Outro olhou para Pombrine com uma leve expressão de desespero enquanto Javre os conduzia para o quarto mais próximo.

— ... tu, tira as calças. E tu, desenha as minhas mamas. Vocês não fazem ideia de como tenho de amarrar bem estas duas para conseguir fazer alguma coisa...

A porta fechou-se, misericordiosamente.

Pombrine agarrou Scalacay, o seu servo mais fiel, pelo ombro e puxou-o para perto.

— Vai ao templo gurkhês perto do terceiro canal, aquele com pilares de mármore verde, o mais rápido que conseguireis. Sabes onde fica?

— Sei, mestre.

— Diz para o sacerdote que canta no portal que tens uma mensagem para Ishri. Que o Mestre Pombrine tem o artigo que ela procura. Para Ishri, percebeste?

— Para Ishri. Mestre Pombrine tem o artigo.

— Então não percas mais tempo!

Scalacay saiu a correr, enquanto Pombrine se dirigiu apressadamente para o seu próprio escritório, prendendo o pacote na mão transpirada. Fechou a porta, atabalhoadamente, e rodou a chave, com as cinco trancas a cerrarem-se com um ruído metálico e tranquilizador.

Só então parou para respirar. Com reverência, pousou o pacote na escrivaninha. Agora que o possuía, sentiu que precisava de aproveitar ao máximo o momento do triunfo; tratá-lo com a seriedade que merecia. Foi até ao armário das bebidas e destrancou-o, retirando do seu lugar de honra a garrafa de Shiznadze do seu avô. Passara a vida inteira à espera de um momento digno para abrir aquela garrafa. Pombrine sorriu quando tocou na rolha, retirando o lacre do gargalo.

Por quanto tempo havia trabalhado a fim de obter aquele maldito embrulho? Espalhando boatos sobre a falência do seu negócio, quando na verdade estava no auge do sucesso. Cruzando o caminho de Carcolf de propósito diversas vezes até finalmente conseguir se encontrar com ela aparentemente por acaso. Elevando-se para uma posição de confiança ao fazer a transportadora idiota pensar que não passava de um cúmplice estúpido, subindo um a um os minúsculos degraus até uma posição onde pudesse colocar as suas mãos ansiosas no embrulho, e então... destino cruel! Carcolf havia escapado, aquela puta dos infernos, deixando

Pombrine com nada além das ruínas do seus sonhos. Mas agora... destino feliz! A força bruta daquela mulher repugnante, Javre, havia, por algum milagre sinuoso, triunfado onde os planos da sua inteligência haviam sido frustrados tão injustamente.

Mas porquê importar-se com o modo pela qual o havia obtido? O seu sorriso alargou-se enquanto retirava a rolha. O pacote era seu. Voltou-se para contemplar de novo o prémio.

Pop! Um arco de vinho espumoso errou o alvo e jorrou sobre o seu tapete de Kadiri. Fitou a cena, boquiaberto. O embrulho estava suspenso no ar por um gancho, que por sua vez estava preso a um fio translúcido que desaparecia por um buraco no telhado de vidro, bem acima, onde agora via uma silhueta escura em forma de «X».

Pombrine lançou-se para a frente desesperado, derrubando garrafa e copo no chão e espalhando o vinho, mas o pacote escapou-lhe das garras e foi içado com suavidade para além do seu alcance.

— Guardas! — rugiu, sacudindo o punho. — Ladrão!

No instante seguinte percebeu as consequências, e a sua ira transmutou-se instantaneamente em terror profundo.

Ishri iria visitá-lo em breve.

Com um rápido e treinado movimento de pulso, Shev puxou o embrulho para cima até à mão enluvada.

— Que bela pescaria — sussurrou enquanto o colocava no bolso e disparava pelo telhado íngreme, sendo sustentada quase totalmente pelas joelheiras cobertas com alcatrão. Passou as pernas pelo espigão e correu até à chaminé, lançando a corda até à rua, lá em baixo; num piscar de olhos passara o rebordo e iniciara a descida. *Não penses no chão, nunca penses no chão. É um bom lugar para se estar, mas ninguém gosta de chegar lá rápido de mais...*

— Que descida — murmurou enquanto passava por uma janela grande, avistando um salão pouco iluminado, decorado de forma extravagante e...

Segurou a corda com força e parou, balançando suavemente.

Estava tremendamente empenhada em não ser apanhada pelos guardas de Pombrine, mas dentro da sala desenrolava-se uma daquelas cenas que é impossível deixar passar em claro. Quatro, talvez cinco, ou

até mesmo seis corpos nus haviam formado, com acrobacias dignas de atleta, uma espécie de escultura humana — um emaranhado de membros que gemiam e moviam-se com delicadeza. Enquanto virava a cabeça para tentar entender o que via, o ponto central da obra que, num primeiro momento, Shev imaginara ser um brutamontes ruivo, encarou-a.

— Shevedieh?

Não era por certo um homem, mas não havia dúvidas de que era muito forte. Mesmo com os cabelos curtos, era impossível não reconhecê-la.

— Javre? O que raios estás aí a fazer?

Ela ergueu uma sobrancelha, olhando para os corpos entrelaçados à sua volta.

— Não é óbvio?

Shev foi trazida de volta ao mundo real pelas vozes dos guardas, vindas da rua.

— Tu não me viste!

Deslizou corda abaixo, as fibras a chiarem ao passar pelas luvas, caiu com força e desatou a correr no exato momento em que um grupo de homens armados surgiu muito depressa na esquina.

— Pare, ladrão!

— Apanhem-no!

E, numa voz especialmente estridente, ouviu-se Pombrine a choraminger, desesperado:

— O meu embrulho!

Shev puxou a corda que transportava ao fundo das costas e sentiu a bolsa a abrir-se, com os espinhos a espalharem-se atrás de si, ouvindo os gritos quando um par de guardas escorregou e caiu. Amanhã iam estar com os pés bem doridos. Mas ainda havia mais de onde aquela dupla havia saído.

— Cortem-lhe o caminho!

— Disparem!

Virou bruscamente à esquerda e ouviu um arco cantar um segundo depois, o chilrear da flecha que passara de raspão na parede ao lado a perder-se na noite. Retirou as luvas enquanto corria, uma delas ainda a fumerar por causa do atrito, e atirou-se por cima do ombro. Uma curva rápida à direita, a rota bem planeada com antecedência, claro; saltou para cima de uma das mesas do exterior do Verscetti's, saltando de uma para a outra com grandes passadas, chutando copos e talheres para longe,

com os clientes, espantados, a atrapalharem-se e a caírem, um violinista andrajoso a lançar-se em busca de abrigo.

— Que corrida — sussurrou, saltando da última mesa por cima das mãos de um guarda que mergulhara à sua esquerda e por cima de um folião à sua direita, pegando na corda atrás da placa onde se lia «Verscetti's» e puxando com força.

Uma luz de relâmpago surgiu enquanto dava uma cambalhota, ouvindo-se um grande estrondo quando se levantou de novo, as penumbras da noite subitamente iluminadas, as fachadas dos prédios à frente tornando-se brancas. Houve gritos, berros e uma saraivada de explosões. Sabia que, atrás de si, flores de fogo roxas estariam a jorrar pela rua, chuvas de centelhas douradas, uma visão digna de um casamento de nobres.

— Aquele Qohdam sabe mesmo fazer fogo de artifício — murmurou, resistindo à tentação de parar para apreciar o espetáculo e, em vez disso, deslizando por uma viela sombria, espantando um gato sarnento, correndo abaixada umas três dúzias de passos e mergulhando no jardim estreito, esforçando-se por não fazer barulho com a respiração ofegante. Rasgou o embrulho que havia escondido por entre as raízes do salgueiro morto, desenrolando a túnica branca e contorcendo-se para dentro dela, colocando o capuz e esperando nas sombras, uma grande vela votiva numa das mãos, os ouvidos a peneirar os sons da noite.

— Merda — resmungou baixinho. Conforme os ecos de sua distração flamejante desapareciam, passou a ouvir ao longe, mas aproximando-se, os gritos da equipa de busca dos guardas de Pombrine, portas a bater enquanto as abriam uma a uma.

— Para onde é que ele foi?

— Acho que foi por aqui!

— Aquele maldito foguete queimou-me a mão! Agora é que estou a arder de raiva!

— O meu pacote!

— Vamos lá, vamos lá — murmurou ela. Ser apanhada por aqueles idiotas seria um dos momentos mais embaraçosos da sua carreira. Seria difícil alguma coisa bater aquela vez em que se viu suspensa e encurralada a meio da parede lateral dos paços do concelho de Mercers, em Adua, envergando um vestido de noiva, flores no cabelo, mas sem cuecas, com uma multidão crescente de curiosos logo abaixo... mas ainda assim.

— Vamos lá, vamos lá, vamos...

Começou a ouvir cânticos vindos do lado oposto e sorriu. As irmãs sempre são pontuais. Agora começava a ouvir os passos, a marcha regular a abafar os gritos dos guardas de Pombrine e os lamentos de uma mulher temporariamente ensurdecida pelos fogos. As passadas e o canto foram ficando cada vez mais altos, até que a procissão passou pelo jardim, as mulheres todas de branco e encapuzadas, as velas acesas rígidas nas mãos, fantasmagóricas na escuridão na sua marcha harmoniosa.

— Que santidade — sussurrou ao sair do jardim, abrindo caminho com os cotovelos até ao meio do cortejo. Inclinou a sua vela para a esquerda, levando o pavio a tocar na chama da sua vizinha. A mulher enrugou o cenho e Shev piscou um olho em resposta.

— Dê um pouco de luz a esta menina, por favor?

A vela acendeu-se com um silvo e ela entrou no ritmo da marcha, incluindo o seu próprio e alegre tom de voz na melodia, enquanto seguiam pela rua Caldiche e através da ponte Fintine, os foliões mascarados a afastarem-se respeitosamente do caminho para deixá-las passar. O covil de Pombrine, a busca cada vez mais frenética dos guardas e os urros furiosos de uma dupla de nórdicos a lutar com selvajaria definharam serenamente na névoa que ficava para trás.

Já estava escuro quando ela por fim entrou pela própria janela, passando silenciosamente pelas cortinas esvoaçantes e esgueirando-se por trás da sua confortável cadeira. Carcolf dormia ali, com uma mecha de cabelo louro a flutuar sobre a boca enquanto respirava. Parecia jovem, com os olhos fechados e o rosto calmo, livre do habitual sorriso de desdém a que sempre recorria. Jovem e muito bonita. Bendita moda das calças justas! A vela emprestava um brilho claro aos cabelos macios na sua face, e Shev sentiu vontade de tocar naquele rosto com a palma da mão, acariciar os seus lábios com o polegar...

Mas, por mais que gostasse de se arriscar, seria uma aposta demasiado alta. Em vez disso, gritou:

— Bu!

Carcolf saltou como um sapo a fugir de água a ferver, embateu numa mesa e quase caiu, recuando para o lado, de olhos arregalados.

— Mas que diabo — murmurou, arrepiando-se ao inspirar. — Precisavas mesmo de fazer isso?

— Precisar? Não.

Apertou o peito com uma das mãos.

— Acho que os pontos abriram.
— Sua bebezinha. — Shev tirou a túnica pela cabeça e atirou-a para o lado. — Isso mal cortou a pele.

— O teu escárnio magoa-me mais do que qualquer espada.

Shev desapertou os cintos que sustentavam as suas ferramentas de ladroagem, desafivelou as joelheiras de alpinismo e começou a despir as roupas pretas, fingindo que não se importava que Carcolf estivesse a olhar. Mas reparou, com certa satisfação, que a outra só voltou a falar, e com a voz um tanto rouca, quando ela acabou de vestir um vestido limpo.

— E?

— E o quê?

— Sempre sonhei em ver uma Irmã de Branco despir-se à minha frente, mas estava a questionar-me se encontraste, ou não, o...

Shev atirou o embrulho e Carcolf apanhou-o no ar com destreza.

— Sabia que podia contar contigo.

Sentiu-se um pouco zozza por causa do alívio, e mais do que um pouco arrepiada de desejo. Sempre tivera um fraco por mulheres perigosas.

Que diabo, estava mesmo a ficar igual ao pai...

— Tinhas razão — constatou Shev, instalando-se na cadeira de onde havia enxotado Carcolf pouco antes —, estava com o Pombrine.

— Eu sabia! Aquele verme! Hoje em dia, é cada vez mais difícil encontrar um bom cúmplice descartável.

— É como se não desse para confiar em ninguém.

— Mas acabou por não ser nada de mais, certo?

Carcolf levantou a camisa e colocou o pacote com toda a delicadeza no primeiro dos seus dois cintos de dinheiro.

Era a vez de Shev ficar a olhar, fingindo-se de desinteressada enquanto se servia de uma taça de vinho.

— O que é que tem o embrulho? — perguntou.

— É melhor não te dizer.

— Não fazes ideia, pois não?

— Recebi ordens para não ver — admitiu Carcolf, com relutância.

— Mas nunca quiseste saber? Quer dizer, quanto mais me dizem para não olhar, mais vontade de olhar eu sinto.

Shev reclinou-se para a frente, os olhos negros a brilhar de uma forma

profundamente encantadora, e por um instante a mente de Carcolf foi inundada pela imagem delas as duas a rebolar juntas no tapete e a rirem enquanto rasgavam o embrulho.

Afastou o pensamento com esforço.

— Uma ladra pode tentar descobrir o que quiser. Uma transportadora, não.

— Dá para ser mais pomposa do que isso?

— Só com muito esforço.

Shev tomou um gole de vinho.

— Bom, o pacote é teu. Suponho.

— Não, não é. A questão é essa.

— Acho que gostava mais de ti quando eras uma criminosa.

— Mentira. Adoras tentar corromper-me.

— É bem verdade. — Shev remexeu-se na cadeira de modo a permitir que as pernas, longas e morenas, deslizassem para fora da bainha do vestido. — Porque é que não ficas mais um bocado? — Levou um pé até ao tornozelo de Carcolf, passando-o gentilmente na parte interna das pernas da transportadora, para cima, para baixo, para cima outra vez. — E te deixas corromper?

Carcolf inspirou de maneira quase dolorosa.

— Diabos, eu adoraria.

A força do sentimento surpreendeu-a com um aperto na garganta, e por uma fração de segundo quase a sufocou. Por um mísero instante, quase atirou o pacote pela janela, ajoelhou-se diante da cadeira e pegou na mão de Shev, contando-lhe histórias da sua infância que nunca partilhara com ninguém. Por um mísero instante. Mas então voltou a ser Carcolf, afastando-se rapidamente e deixando o pé da ladra cair pesado sobre as tábuas do chão.

— Mas sabes como é, na minha profissão. Não posso perder o barco.

Pegou no seu casaco novo e virou-se enquanto o vestia, dando-se tempo suficiente para dissipar quaisquer resquícios de lágrimas.

— Devias tirar umas férias.

— Quando aceito um trabalho, digo sempre que vou fazer isso, mas quando o termino começo a sentir-me... agitada. — Suspirou enquanto abotoava a roupa. — Não fui feita para ficar parada, é só isso.

— Hum.

— E não adianta fingir que és diferente.

— Não vou fingir. Também estive a pensar em mudar-me. Talvez para Adua, ou de regresso ao sul...

— Sentir-me-ia muito mais feliz se ficasses — declarou Carcolf antes que pudesse perceber, tentando, a seguir, disfarçar com um aceno despreocupado. — Quem é que vai salvar-me quando eu precisar de vir até cá? És a única pessoa nesta maldita cidade em quem confio.

Era uma grande mentira, naturalmente; não confiava nem um pouco em Shev. Um bom transportador não confia em ninguém, e Carcolf era a melhor do seu ofício. Mas sentia-se muito mais à vontade com mentiras do que dizendo a verdade.

Podia ver no sorriso da ladra que ela entendia perfeitamente a situação.

— Que querida.

De uma forma impossível de ignorar, pegou no pulso de Carcolf quando esta se preparava para ir embora.

— O meu dinheiro?

— Que cabeça a minha.

A transportadora deu-lhe a bolsa. Antes mesmo de olhar, Shev prosseguiu:

— E o resto também.

Carcolf suspirou novamente e lançou a outra bolsa sobre a cama, com o ouro a brilhar sob a luz da lamparina quando as moedas se espalharam por cima dos lençóis brancos.

— Ias ficar irritada, se eu não tentasse.

— Fico emocionada ao ver o quanto te importas com os meus sentimentos. Imagino que te verei da próxima vez que vier cá? — perguntou quando Carcolf colocou a mão na maçaneta.

— Mal posso esperar.

Naquele momento, desejava um beijo mais do que qualquer outra coisa, mas não sabia se era suficientemente determinada para se deter ao fim de apenas um; apesar do sofrimento que lhe causava, soprou-lhe um beijo e fechou a porta atrás de si. Deslizou com agilidade pelo pátio sombrio e transpôs o pesado portão, esperando que Shevedieh demorasse um pouco antes de inspecionar as moedas da primeira bolsa. Talvez tivesse acabado de ganhar mais uma punição cósmica, mas só de imaginar a cara que a ladra iria fazer sentia que havia valido a pena.

O seu dia fora um maldito fiasco, mas sabia que podia ter sido muito

pior. Ainda tinha bastante tempo para chegar ao navio antes da partida. Puxou o capuz para cima, fazendo uma careta por causa da dor do arranhão recentemente suturado e daquela úlcera absurda, e também por causa da maldita cicatriz aberta, continuando a andar pela noite enevoadas, nem muito devagar nem muito depressa, absolutamente discreta.

Que diabo, como ela odiava Sipani!